

# Hora de negociar

*A recém-eleita presidenta Kumaratunga lança as bases de um diálogo com a minoria tamil para pôr fim à guerra civil*

**Pieter Peramana**

**D**epois da vitória da primeira-ministra Chandrika Kumaratunga nas eleições presidenciais de novembro passado, aumentaram consideravelmente as esperanças de pôr fim à guerra étnica que travam há mais de vinte anos a Frente Unida de Libertação Tamil (Tulf) e o governo da maioria cingalesa do Sri Lanka.

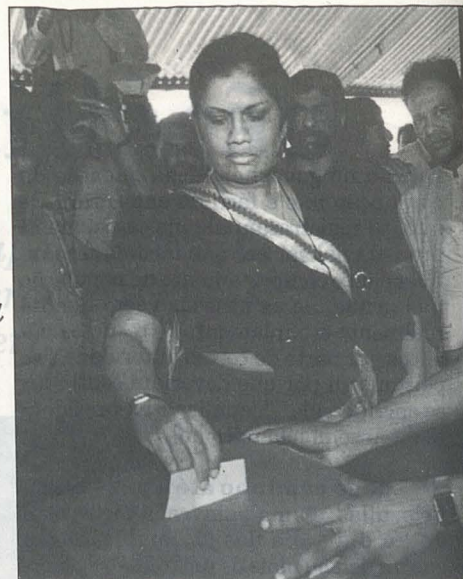
Eleita com uma maioria esmagadora de votos – obteve 62,28% dos sufrágios – a nova mandatária anunciou em seu primeiro discurso após a consagração eleitoral que a negociação de uma paz duradoura será a prioridade de seu governo. “Chegamos ao fim do túnel e agora se aproxima uma era de paz e liberdade”, afirmou Kumaratunga, que obteve uma vantagem de mais de dois milhões de votos sobre sua adversária, Sri-ma Dissanayake, que assumiu a candidatura presidencial depois do assassinato de seu marido, Gamini Dissanayake, em um atentado que deixou um saldo de 58 mortos duas semanas antes das eleições.

**Um mandato inequívoco** – A expressiva vitória de Kumaratunga superou as expectativas mais otimistas e foi interpretada pela dirigente do Partido

da Liberdade como um mandato de seu povo para reiniciar de imediato as negociações com os guerrilheiros tamsis. Chegados a Sri Lanka há mais de dois mil anos procedentes do sul da Índia, os tamsis (que são aproximadamente 20% da população) travam uma luta sangrenta pela criação de um Estado no norte da ilha, onde se concentra essa minoria étnica.

Kumaratunga – a primeira mulher que assume a presidência do Sri Lanka e a sexta no mundo a ocupar esse cargo – havia vencido em agosto passado as eleições legislativas, e desde então, em sua condição de primeira-ministra, iniciou um diálogo com a direção dos tamsis com chance de estabelecer as bases da pacificação no país.

A possibilidade de deixar de lado as aspirações à independência para negociar formas de autonomia mais limitadas havia sido colocada há pelo menos dois anos por Velupillai Prabhakaran, líder do movimento guerrilheiro tamil. Mas o governo anterior, em mãos do Partido Nacional Unido (UNP), nunca deu uma resposta consistente a essa reivindicação. Ao contrário, sua rígida concepção de que só o extermínio militar poderia superar o desafio da guerrilha separatista havia levado ao assassinato



**Chandrika Kumaratunga: diálogo pela paz**

do presidente Ranasinghe Premadasa, em maio de 1993.

Defendida inequivocamente pelo Partido da Liberdade de Kumaratunga, a incipiente negociação foi interrompida depois do atentado que em outubro custou a vida de Gamini Dissanayake, candidato do UNP e partidário da linha dura contra os guerrilheiros. O atentado, possivelmente uma ação suicida, foi atribuído aos Tigres tamsis. Na ocasião se especulou que se trataria de uma vingança dos separatistas contra Dissanayake, que em 1978 foi o artífice do acordo entre os governos da Índia e Sri Lanka que culminou no envio de uma expedição indiana para ajudar a reprimir as forças tamsis.

**Presidencialismo ou parlamentarismo?** – O regime presidencial do Sri Lanka foi implantado em 1978, após uma reforma constitucional impulsionada pelo Partido Nacional Unido, cujo líder máximo naquele momento era Junius Jayewardene, que foi o primeiro presidente do país. Ao outorgar ao chefe de Estado amplos poderes, entre eles o de dissolver o Parlamento, além do tradicional controle do Exército e das forças de segurança, o sistema presidencialista foi muito questionado desde o início pelo Partido da Liberdade. Depois de eleita, Kumaratunga anunciou que pretende promover uma nova reforma constitucional para voltar ao sistema parlamentarista no qual o chefe de Estado não passe de uma figura simbólica, deixando transparecer que prefere voltar a ser primeira-ministra.

A presidenta Kumaratunga não é uma novata na política. De 49 anos de



**Dissanayake vela seu marido, assassinado por separatistas tamsis**

# Uma invasão diferente

*Pequenas empresas emigram para países vizinhos em busca de condições mais favoráveis*



A polícia escolta uma das urnas da eleição, em Colombo, a capital

idade, viúva e mãe de dois filhos, ela pertence a uma família que pagou um preço muito alto pelo ideal de construir uma nação multiétnica capaz de viver em paz. Seu pai, o ex-primeiro-ministro Solomon W. Bandaranaike, participou ativamente nas negociações que conduziram à fundação do Movimento Não-Alinhado e foi assassinado em 1959, em consequência de uma série de incidentes sangrentos protagonizados pelos secessionistas tamis.

A viúva, Sirimavo Bandaranaike, a mãe de Kumaratunga, apesar de não ter nenhuma experiência anterior na política, assumiu as lutas do *premier* morto e venceu as eleições de 1960. Foi a primeira mulher que encabeçou um governo em todo o mundo, ocupando o cargo de primeira-ministra até 1965. Voltou ao poder no período 1970-75 e atualmente, aos 78 anos, continua dirigindo o Partido da Liberdade, fundado por seu marido.

A atual chefe de Estado voltou a sofrer as consequências da violência em 1988, quando seu marido, Vijaya Kumaratunga, ex-ator de teatro e dirigente político, foi assassinado na sua presença em um atentado também atribuído aos tamis.

A presidenta Kumaratunga foi educada em Paris e, além de cingalês e francês, fala fluentemente o inglês e o alemão e tem noções de russo e indiano. Durante sua permanência na França, participou intensamente das manifestações estudantis de maio de 1968, experiência que, somada a sua trajetória familiar, explica seu compromisso com a luta pela paz e a justiça social. ■



**A** constante valorização do *ien* nos últimos meses desencadeou o êxodo dos investidores japoneses para os países do sudeste asiático, mas desta vez acentuando a fuga de pequenas e médias empresas, que até agora resistiram em transferir suas operações ao exterior. A moeda japonesa aumentou sistematicamente desde abril em relação ao dólar norte-americano. Com isso, os custos de produção cresceram vertiginosamente, obrigando as indústrias japonesas a transferir-se para países vizinhos onde a mão-de-obra é mais barata.

Tailândia, segundo receptor de investimentos japoneses entre os membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean), registrou um número sem precedentes de novos investimentos desse país durante 1993, mais do dobro do ano anterior. No entanto, o montante dos investimentos se elevou somente a cerca de 2,5 bilhões de dólares, superior apenas aos 2,3 bilhões em 1992. As diferentes porcentagens de crescimento entre o número e o montante dos investimentos indicariam que os novos investimentos do Japão provêm principalmente de pequenas e mé-

dias empresas. Essa é, pelo menos, a dedução de Hideki Higashi, um pesquisador do Instituto de Economias em Desenvolvimento, com sede na Tailândia.

Estudos realizados por bancos demonstram que mais de 60% das pequenas e médias empresas, que constituem a espinha dorsal da indústria japonesa e abastecem de produtos baratos as grandes empresas, estão se transferindo para o sudeste da Ásia para driblar a atual taxa de câmbio que gira em torno de 97 *ienes* por dólar.

A maioria vai para a Malásia e Tailândia, onde os custos de mão-de-obra são cinco vezes inferiores aos do Japão. China é o segundo destino das empresas em êxodo, seguida pelos Estados Unidos. Os economistas de Tóquio não se mostram surpresos com essas cifras. Sustentam que para as empresas japonesas o deslocamento da produção para o exterior se converte na única forma de superar a recessão. A transferência é mais notória entre as empresas de autopeças e produtos eletrônicos, pois este é o setor que abastece os grandes exportadores japoneses. ■

*Swendrini Kakuchi*